

FORMAÇÃO DO CAMPO PROTESTANTE EM GOIÁS

Formation of the Protestant field in Goiás

Formación del campo protestante en Goiás

Vasni de Almeida¹

Resumo: No artigo analisa-se a formação do campo protestante missionário no estado de Goiás, compreendida entre o final do século XIX à primeira metade do século XX. Ocupa-se aqui das atividades de fundação de igrejas, criação de escolas primárias, secundárias e superiores, bem como de obras assistenciais. Aponta-se para as práticas de missionários e missionárias protestantes junto às populações indígenas, ribeirinhas e sertanejas, o que demandava a presença de pessoas com formação adequada a essas atividades, quase sempre precedidas de viagens de reconhecimento. A problematização sobre as práticas para a formação deste campo parte das observações de Pierre Bourdieu sobre os aspectos materiais e religiosos de uma formação social, bem como sobre os saberes racionais e intelectualizados condicionados por sistemas de crenças. Tomam-se, então, algumas considerações de Bourdieu (2007) sobre campo religioso, sacralização do espaço, bens de salvação.

Palavras-chave: Protestantismo Missionário. Campo Religioso. Práticas Religiosas.

Abstract: This article analyzes the development of the Protestant missionary movement in the state of Goiás from the late 19th century to the first half of the 20th century. This article focuses on the activities of founding churches, establishing primary, secondary, and higher education institutions, as well as charitable works. It highlights the practices of Protestant missionaries, both men and women, among indigenous, riverine, and hinterland populations, which required the presence of individuals with appropriate training for these activities, almost always preceded by reconnaissance trips. The problematization of the practices involved in the formation of this field draws on Pierre Bourdieu's observations regarding the material and religious aspects of social formation, as well as the rational and intellectualized forms of knowledge conditioned by belief systems. We therefore draw on some of Bourdieu's (2007) considerations regarding the religious field, the sacralization of space, and goods of salvation.

Keywords: Missionary Protestantism. Religious Field. Religious Practices.

¹ Docente do Curso de Licenciatura Plena em História e do Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas, PPGHispan, Universidade Federal do Tocantins, UFT. E-mail: vasnialmeida@mail.uft.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8489955625630790>; Orcid iD; <http://orcid.org/0000-0003-0798-90102>.

Resumen: El artículo analiza la formación del campo protestante misionero en el estado de Goiás, abarcando desde finales del siglo XIX hasta la primera mitad del siglo XX. Se ocupa de las actividades de fundación de iglesias, creación de escuelas primarias, secundarias y superiores, así como de obras asistenciales. Se examinan las prácticas de los misioneros y misioneras protestantes entre las poblaciones indígenas, ribereñas y del interior (*sertanejas*), lo cual requería la presencia de personas con la formación adecuada para tales actividades, casi siempre precedidas por viajes de reconocimiento. La problematización de las prácticas que dieron lugar a este campo parte de las observaciones de Pierre Bourdieu sobre los aspectos materiales y religiosos de una formación social, así como sobre los saberes racionales e intelectualizados condicionados por sistemas de creencias. Para ello, se retoman algunas consideraciones de Bourdieu (2007) sobre el campo religioso, la sacralización del espacio y los bienes de salvación.

Palabras clave: Protestantismo Misionero; Campo Religioso; Prácticas Religiosas.

As tessituras de um campo religioso

A formação do campo protestante missionário no estado de Goiás, para fins da análise neste artigo, compreendida entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, exigiu atividades de fundação de igrejas, criação de escolas primárias, secundárias e superiores, bem como de obras assistenciais. Requereu ainda o conhecimento e o convívio de protestantes junto às populações indígenas, ribeirinhas e sertanejas, o que demandou a presença de pessoas com formação adequada a essas atividades, quase sempre precedida de viagens missionárias. Como toda formação de um campo religioso, a presença inicial de protestantes em territórios marcados por culturas religiosas distintas ocorreu de forma tensa e densa.

Sendo assim, consideramos importante problematizar tais práticas a partir das observações de Pierre Bourdieu sobre os aspectos materiais e religiosos de uma formação social, bem como sobre os saberes racionais e intelectualizados condicionados por sistemas de dogmas. Dessa forma, toma-se algumas considerações de Bourdieu, no livro *A economia das trocas simbólicas* (2007), como importante reflexão sobre a presença de protestantes missionários em Goiás.

Já na introdução da obra, Paulo Miceli afirma que o impulso ético de um sistema de dogmas está relacionado aos interesses materiais e ideais de determinados grupos sociais, ou aos interesses internos do próprio campo religioso de pertencimento. Para tanto, o campo religioso deve ser visto como campo simbólico, que por sua vez depende dos saberes especializados responsáveis pela divulgação dos bens religiosos, o que permite afirmar que os interesses de um campo religioso são expressões dos sistemas simbólicos. Miceli (2007) reitera

que o processo de simbolização cumpre a função de justificar a unidade do sistema de poder no qual o sistema religioso está inserido. Logo, a formação de um campo religioso está relacionada a sistemas intelectuais e racionais voltados para o desenvolvimento de um sistema de crenças necessário à ordem social. Na configuração desse sistema, os especialistas são os responsáveis por produzir e transmitir as doutrinas que justifiquem a formação social. Esses instrumentos (textos sagrados, livros canônicos, manuais de ensino) são utilizados para a consagração do sentido. Para o autor, a partir daí, a ordem social “retira do plano das relações sociais objetivas o arbítrio e o controle desta ordem, que passa a ser entendida como produto de uma vontade divina e inacessível” (Miceli, 2007, p. 59).

O próprio Bourdieu (2007) afirma que as religiões agem, dissimuladamente, na forma como se percebe o mundo social por meio da divulgação de representações políticas, apresentando-as como pertencentes ao mundo sobrenatural.

a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente em princípio de divisão política, apresenta-se como estrutura natural-sobrenatural do cosmos (2007, p. 34).

As altas hierarquias das instituições religiosas tendem a não permitir, de início, que leigos assumam a formação ou condução de um campo religioso, pois os consideram destituídos de conhecimentos específicos acumulados e por não dominarem o capital religioso necessário na disputa religiosa.

a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem como tal (Bourdieu, 2007, p. 39).

Ao travar contato com populações a serem alcançadas por suas práticas religiosas, um determinado grupo religioso tende a inculcar uma ideologia cujo efeito é “relegar os antigos mitos ao estado de magia ou de feitiçaria” (Bourdieu, 2007, p. 44). Ou melhor, “a sistematização sacerdotal tem por efeito manter os leigos à distância [...], sendo necessário “convencê-los de que esta atividade requer qualificação especial”, dado que é um “dom da graça” inacessível ao comum dos homens” (p. 69). Todo esse cuidado cumpre a função de evitar a contestação do

sagrado monopolizado pelos agentes da formação do campo em construção. É preciso cuidar para que os princípios religiosos a serem divulgados não sejam profanados durante o processo de dominação. Isso porque

Toda prática ou crença dominada está fadada a aparecer como profanadora na medida em que, por sua própria existência e na ausência de qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da legitimidade dos detentores deste monopólio” (Bourdieu, 2007, p. 45).

Dito de outra forma, os leigos ainda se encontram muito próximos do sistema de profanação que os especialistas querem combater. O grupo religioso, dessa forma, busca legitimar um estilo de vida que lhe é próprio e que esteja em sintonia com grupos ou classes que pertencem à mesma estrutura social. É nesse sentido que ocorre a tendência de se sacralizar, naturalizar e eternizar as práticas sociais e políticas.

a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a esse grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela “naturalização” e pela eternização) (Bourdieu, 2007, p. 46).

Assim, o grupo religioso em processo de formação de seu campo faz circular mensagens religiosas de consagração operadas por especialistas, tendo em vista a vulgarização da evangelização a serviço da difusão cultural. A consagração de espaços a serem conquistados se dá ao mesmo tempo em que ocorre a ocultação de interesses políticos.

a explicação das práticas e crenças religiosas através do interesse religioso dos produtores ou consumidores pode dar conta (no sentido explicativo) da própria crença. Para tanto, tendo em vista que o princípio do efeito de consagração reside no fato de que a ideologia e a prática religiosa cumprem uma função de conhecimento-desconhecimento, basta perceber que os especialistas religiosos devem forçosamente ocultar a si mesmos e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos (Bourdieu, 2007, p. 54).

Por isso, segundo Bourdieu (2007), a formação do campo religioso vai depender sempre do capital religioso, ou seja, depende da relação entre a demanda por ação e oferta religiosa. A demanda surge dos interesses sociais e religiosos de uma determinada formação social. A oferta é de serviços religiosos necessários para atender a essa demanda. Há que se lembrar que um

grupo religioso pertencente a uma religião universal pode se redefinir em função dos costumes locais.

Atendo-se a grupos religiosos que se organizam como Igreja, Bourdieu afirma que uma vez assim organizada, “contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem”, a saber, “a manutenção da ordem simbólica”. E reforça:

por estar investida de uma função de manutenção da ordem simbólica em virtude de sua posição na estrutura do campo religioso, uma instituição como a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política” (Bourdieu, 2007, p. 72).

Por fim, o autor esclarece que “a estrutura das relações entre o campo do poder e o campo religioso comanda a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso” (Bourdieu, 2007, p. 73).

Enfim, de tudo dito até aqui, partimos da premissa de que os missionários e missionárias, a saber, os especialistas das associações protestantes estrangeiras, foram os responsáveis pela formação de estratégias de formação de um campo religioso ainda minoritário no território goiano nos finais de século XIX até a metade do século XX.

Os sentidos das associações missionárias estrangeiras no Brasil

Antes de apresentar os missionários protestantes e suas atividades religiosas no norte goiano, consideramos importante dispensar algumas palavras sobre as motivações religiosas e políticas para o envio de missionários estadunidenses ao Brasil.

Os protestantes de origem missionária, no que diz respeito ao envolvimento social, educacional e político, superariam os protestantes de imigração (anglicanos e luteranos) que marcaram a história do protestantismo brasileiro das primeiras décadas do século XIX. Entre as igrejas protestantes missionárias que se estabeleceram no Brasil, a partir de 1850, estavam a Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista e a Batista, igrejas também ligadas direta ou indiretamente à Reforma Protestante do século XVI. Tais denominações, após consolidadas no continente europeu, migraram para a América do Norte, fazendo dos Estados Unidos uma das grandes forças do expansionismo missionário protestante do século XIX. Três razões podem ser destacadas para que este tipo de protestantismo fosse classificado como missionário.

A primeira é o fato de as igrejas estadunidenses conceberem os povos pobres americanos, asiáticos e africanos como alvos de suas missões evangelizadoras. No entendimento das agências missionárias, em razão de suas condições sociais e culturais, esses povos necessitavam da salvação eterna, mediante a conversão e o consequente redirecionamento na vida para a obtenção do progresso. Neste caso, o Brasil, apesar de ser reconhecido como detentor de uma população cristã, na visão das igrejas protestantes missionárias, carecia de difusão do protestantismo, uma vez que as pessoas, dominadas pelo catolicismo, eram tidas como idólatras e de comportamento depravado. Para as agências missionárias estrangeiras, o povo brasileiro estava muito aquém do padrão de fé e moral encontrado entre as nações protestantes (Mendonça, 1995).

Cavalcanti (2001) sinaliza que, para os missionários das juntas de evangelização estadunidenses, no final do século XIX, os Estados Unidos eram a pátria abençoada por serem defensores das liberdades civis e porque pautavam seus princípios religiosos na iniciativa privada e nas igualdades políticas. Os missionários se arvoravam como uma força cultural capaz de desestabilizar os modelos religiosos implantados no Brasil pelo catolicismo ibérico desde a colonização.

Carvalho (2026) afirma que a expansão missionária protestante encontrou justificativa no Destino Manifesto, uma concepção que expressava os Estados Unidos como destinados a implantar uma colonização fundada na crença de que os bens de salvação do protestantismo deveriam ser propagados em direção ao México, às Américas Central e do Sul, sob o argumento de que o processo civilizatório estadunidense chegaria a essa região pela força da atuação missionária.

Na perspectiva da autora, o avivamento religioso que se verificou nos Estados Unidos, na primeira metade do século XIX, estimulou a formação de diversas sociedades missionárias. Tais sociedades atuavam amparadas na convicção de que os estadunidenses foram escolhidos para a missão de retirar as nações pobres do atraso civilizatório em que se encontravam. Carvalho entende que o papel do Destino Manifesto agia na consciência estadunidense a partir do darwinismo, entendido como meio de seleção natural que levou os Estados Unidos a se tornarem uma nação superior destinada a dirigir os povos mais fracos. Foi nesse sentido que os Estados Unidos passaram a planejar o envio de missionários a outros países, incluindo o Brasil. Os protestantes atuavam no Brasil desde o século XVI, porém, de forma esporádica. A partir do século XIX, essa atuação começou a ocorrer de forma definitiva, com grupos missionários

oriundos das agências missionárias de presbiterianos, batistas, metodistas e congregacionais. Esses missionários chegavam à América Latina com a firme convicção de estarem engajados em uma cruzada que visava estabelecer as bases da civilização estadunidense.

Por fim, é necessário lembrar que as práticas missionárias ainda devem ser entendidas na dinâmica das histórias conectadas, ou seja, não podem ficar restritas à natureza religiosa das intenções, mas inseridas na expansão capitalista que possibilitou “ampla infraestrutura de circulação de indivíduos, mercadorias e ideias” (Santos; Fonseca; Narita, 2019, p.3). Infraestrutura decorrente da expansão dos portos, ferrovias, correios, imprensa.

As práticas iniciais da formação do campo

Tendo em vista pontuar as atividades que marcaram os anos iniciais da formação do campo protestante no Estado de Goiás, utilizamos como referência a obra *Missionários americanos e algumas figuras do Brasil Evangélico*, de Mário Ribeiro Martins (2008). Entre outras qualificações, este autor é Bacharel e Mestre em Teologia; foi Presidente da Ordem dos Ministros Evangélicos de Pernambuco; é Especialista em Sociologia e Educação; foi Promotor de Justiça; foi membro da Academia de Letras de Goiânia e da Academia de Letras do Tocantins; foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Durante anos exerceu o pastorado batista. Vale lembrar, então, que essa obra foi escrita por alguém dotado de traquejo acadêmico, porém, com uma linguagem tangenciada pelo discurso religioso, dada a formação e função pastoral do autor. O que nos remete às considerações de Orlandi (1987), quando destaca que a linguagem de um texto é a mediação entre um sujeito e a sociedade em que está inserido. Em texto influenciado por um discurso, a linguagem não se restringe ao instrumento de comunicação ou de transmissão de informação, mas se configura como lugar de conflito, de confronto ideológico, isto é, onde a significação se apresenta em toda sua complexidade. Na linguagem discursiva está a ideologia, pois dizer não é apenas informar, mas se fazer reconhecer pelo confronto.

A escolha dessa obra se deu em razão de que, na descrição dos fragmentos relacionados aos missionários estrangeiros, o autor fez emergir não somente as práticas missionárias que estavam na base da formação do território protestante. Os missionários são representados como dotados de qualidades acadêmicas suficientes para estabelecer as relações sociais, tendo em vista os intercâmbios necessários à formação do campo protestante. A escrita de Martins (2008),

em muito, auxiliou-nos na compreensão das atividades exigidas para a expansão da missão religiosa em Goiás.

Para discorrer sobre as práticas missionárias contidas na obra, seguiremos a ordem alfabética que o autor usou para destacar os responsáveis pela formação do campo missionário protestante na região. Assim, o primeiro missionário lembrado foi Archibald Tripple. Nascido na Inglaterra, em 1888, após formado em Teologia, chegou ao Brasil em 1914. Vinculado à União Evangélica Sul-Americana (UESA), desenvolveu atividades missionárias nos municípios goianos de Morrinhos e Ipameri. Em 1947, ajudou a fundar a Associação Educativa Evangélica de Anápolis. Foi sogro de um ex-prefeito de Anápolis e presidiu o Conselho de Pastores de Goiânia. Em 1968 escreveu o livro *Bandeirantes da Bíblia no Brasil Central*. Faleceu em 1972.

Arthur Wesley Archibald nasceu nos Estados Unidos, em 1906, formando-se em Teologia, na Faculdade de John Fletcher, Iowa, em 1927. Em 1937, como missionário da UESA, passou a atuar na cidade de Anápolis. Em 1938, fundou o Instituto Bíblico Goiano, juntamente com outros missionários estadunidenses. Em 1939, assumiu a direção do Colégio Couto Magalhães, fundado pelo advogado Carlos Pereira Magalhães. Figurou entre os missionários que fundaram a Associação Educativa Evangélica de Anápolis. Sua dinâmica de trabalho permitia gerenciar o instituto e o colégio ao mesmo tempo. Criou os internatos masculino e feminino e providenciou o transporte específico para os alunos frequentarem o colégio (p. 36). Durante sua administração na Associação Educativa Evangélica, criou a Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão, em 1960, sob a direção do metodista Richard Edward Senn (p.36). Faleceu em 1986.

Blonnye Holmes Foreman nasceu nos Estados Unidos, em Arkansas, em 1899. Em 1933, após finalizar o curso de teologia, foi nomeado pela Junta de Richmond para atuar como missionário no Brasil. Em 1950, depois de anos atuando no estado do Piauí, organizou o Orfanato Batista na cidade goiana de Campos Belo. Em Paranã, fundou a Escola Primária Batista, auxiliado pela professora Zefinha Louça Trindade. Fundou também a Escola Batista de Dianópolis. Ambas as cidades localizadas no norte goiano. Faleceu em 1955 (p. 40-41).

Daniel Frank Crosland nasceu em setembro de 1871, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formado em teologia, em 1904 foi nomeado missionário pela Junta de Richmond, para atuar no Brasil. Após atividades missionárias realizadas nos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, em 1934, se tornou pastor da Primeira Igreja Batista de Ipameri, GO. Em 1937,

formou a Primeira Igreja Batista de Urutaí e um ano depois a Primeira Igreja de Goiânia, ambas em Goiás. Em 1939 foi a vez de formar a Primeira Igreja Batista de Morrinhos, GO. Ainda nesse ano formou a Convenção Batista de Goiana. (p. 48-49)

A missionária Retie Buchan Wilding nasceu na Escócia, em 1889. Foi missionária na União Evangélica Sul-Americana, na Ilha do Bananal. Atuou nas cidades goianas de Catalão, Goiás Velho e Aruanã. Foi pregadora, sanitarista, contista, cronista, educadora, oradora e memorialista (p. 87).

Richard Edward Senn foi pastor metodista. Em Anápolis (GO) atuou como missionário da UESA. Foi fundador e diretor da Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão, de Anápolis. Atuou ainda na formação da Universidade Metodista de Piracicaba, Unimep. (p. 90-91).

Esta breve incursão na obra de Martins (2008) revela os rigores na seleção de missionários que assumiram campos de trabalho, haja vista que todos receberam formação teológica e muitos detinham conhecimentos sobre administração escolar. O que nos remete à percepção de Bourdieu (2007) do sacerdote como detentor de qualificação especial, um cuidado necessário para evitar a contestação do sagrado em construção. Muitas foram as atividades necessárias para a formação do campo protestante no estado de Goiás. Entre elas, a publicação de livros sobre o protestantismo; a criação de institutos para formação de clérigos; a atuação em direção de escolas; a criação de curso superior; a fundação de escolas primárias e orfanatos; a organização de igrejas, bem como as práticas de evangelização fora dos templos. A propagação dos bens de salvação (Bourdieu, 2007) exigia bem mais do que expressar o discurso religiosa: essa requeria um intenso envolvimento com os poderes políticos e denominacionais.

As viagens de missionários e missionárias para interior goiano

Neste tópico, nossa atenção recaiu sobre trabalhos acadêmicos que problematizaram, pelo viés histórico, cultural e antropológico, as atividades missionárias de formação do protestantismo em Goiás. Deixamos, assim, os percursos marcados pelas memórias religiosas para adentrar nos marcos teóricos/críticos daqueles que analisaram os grupos e territórios alcançados pelos agentes religiosos.

Em dissertação de mestrado, Gonçalves (2021) analisou a visão de sociedade e de protestantismo presente nos relatos de viagem de Archibald Macintyre, viagem essa registrada no livro *Descendo o Rio Araguaia* (2000). Na obra, o missionário narra a interação que estabeleceu com indígenas de diversas etnias, sertanejos, comunidades de afrodescendentes,

vilas e arraiais goianos. A intenção de Gonçalves (2021) foi deslindar a constituição do discurso religioso de um protestante sobre as populações da região, na década de 1920, no sentido de entender sua missão cristianizadora. Analisou, assim, os discursos religiosos do missionário com o intuito de compreender a constituição histórica de suas narrativas acerca das populações tradicionais do Cerrado Central, na primeira metade do século XX.

O estudo considerou a atuação de Macintyre em dois espaços territoriais específicos: a região que margeia o Rio Araguaia até o Pará; em seguida, a região do Rio Tocantins, especificamente no trecho entre Porto Nacional e Palma (atual Paranã), ambos no norte goiano.

De acordo com Gonçalves (2021), Macintyre era membro da Igreja Cristã Evangélica do Brasil (ICEB). Dessa forma, compreendeu ser importante apresentar um histórico da organização desta igreja no Brasil, entendendo que na história de uma igreja residem os valores morais e a visão de mundo que seus agentes defendem e que procuram instilar junto às populações com as quais interagem. Para o autor, o contexto de fundação da ICEB contou com características próprias, o que a diferenciou das igrejas protestantes institucionais de missões que até então haviam se instalado no Brasil. Apesar da ICEB ter se constituído em uma igreja denominacional brasileira, ela também surgiu como resultado da ação missionária de sociedades adenominações, ou seja, sociedades que não estavam vinculadas a uma igreja protestante específica. As Sociedades Bíblicas e Sociedades Missionárias Adenominações podiam ser encontradas ao longo do interior brasileiro gozando de grande mobilidade, em decorrência da independência do trabalho missionário por elas realizados. Essas sociedades se ocupavam da realização de longas viagens a fim de difundir a fé protestante com fins proselitistas, contudo, sem a preocupação de estabelecer igrejas institucionais. Gonçalves (2021) lançou ainda um olhar atento às Sociedades Bíblicas que amparavam as atividades missionárias na região. Tais sociedades pertenciam a várias denominações e se preocupavam com a disseminação de Bíblias, por entenderem ser este o meio eficaz para o esclarecimento de suas verdades, tendo em vista a criação de igrejas.

A South American Evangelical Mission (SAEM) era uma dessas associações. Archibald Macintyre era escocês e chegou ao Brasil em 1907, enviado pela SAEM. Inicialmente residiu em São Paulo e, durante seu primeiro ano no Brasil, fez o trabalho de colportagem bíblica, a saber, práticas de distribuição de bíblias, nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. No ano seguinte foi para Cuiabá, MT, para continuar suas atividades de colportagem.

Em 1909, foi designado para o estado de Goiás, onde se casou e fixou residência em Cidade de Goiás. Foi nesse estado que passou a organizar sua viagem até o Pará.

A viagem de Macintyre, em um primeiro momento, compreendeu o trecho em descida do Rio Araguaia a partir de Santa Leopoldina (atual Aruanã) até a cidade de Conceição do Araguaia, PA, município que considerou excelente para a criação de gado. Depois das visitas nas fronteiras de Goiás com o Pará, a comitiva do missionário cortou o norte goiano por terra até chegar à cidade de Porto Nacional. Logo percebeu que, em razão da forte presença religiosa dos dominicanos, era muito sentida a influência religiosa católica. Demorou alguns dias na cidade, tempo suficiente para fazer um suprimento de Bíblias no correio local e realizar sua atividade de venda e distribuição de literaturas protestantes. Ao mesmo tempo, atuou na divulgação do protestantismo entre os moradores ribeirinhos, realizando, pelo menos, um culto. Ao apresentar os exemplares bíblicos às pessoas, Macintyre logo percebeu que a expansão do protestantismo ali dependeria da formação de um público letrado, dado que 80% da população era analfabeta. Ou se criava esse público ou os bens de salvação (Bourdieu, 2007) protestantes não se propagariam.

Gonçalves (2021) afirma que Macintyre criou uma narrativa que procurava apresentar a região como campo a ser ocupado por protestantes em suas futuras bases missionárias. O autor, ao se ater à linguagem utilizada pelo missionário para descrever a região, percebe que o uso de conceitos como “civilizado” e “selvagem” é dito não somente pelo fator cultural de progresso, mas também pela variação do espaço geográfico, onde a delimitação dos territórios de vivência separa os protestantes dos outros. Assim, o missionário, ao narrar sua chegada à comunidade São José, que alcançou dias depois de iniciada a viagem, afirma ser aquele, o “último posto avançado da civilização”, em razão de se encontrar “justamente na fronteira com a terra dos índios” (Gonçalves, 2021, p. 83). Nota-se que, na percepção do missionário, limitações e diferenças de meio ambiente condicionam a dinâmica do que compreendia ser o progresso cultural.

Para o missionário, o necessário progresso local carecia de elementos urbanos indispensáveis ao processo civilizatório. Gonçalves (2021) então chama a atenção para o vínculo entre o caráter ideológico dos viajantes estrangeiros no Brasil e a ideia de ócio ligada ao trabalho artesanal e assistemático, uma vez que este segmento social estava associado ao estágio da economia natural e, portanto, à consequente ideia de escassez e de pobreza. Assim, no olhar dos missionários, para o Brasil poder alcançar a categoria de nação civilizada, seria

preciso, segundo os valores da modernidade, infundir hábitos regulares do trabalho disciplinado entre homens livres dos segmentos dominados da sociedade. Neste sentido, ao mesmo tempo, a noção de trabalho se revestia da ideia positiva de liberdade e independência e de progresso, tanto moral como material. A ideologia, no discurso religioso, emerge no confronto (Orlandi, 1987).

O autor conclui, dessa forma, que a escrita de Macintyre sobre as populações do norte goiano foi condicionada pelos pressupostos ideológicos, éticos e religiosos do protestantismo professado pela empresa missionária que o mantinha no campo de atuação. Macintyre teceu suas percepções imbuído da visão de que a região norte goiana era carente da propagação da fé protestante, então, ao longo da sua incursão, veio propor a difusão da mensagem evangelizadora. Para tanto, por onde passou, buscou interagir com o público-alvo de suas ações missionárias sempre com fins conversionistas, de maneira que a fé cristã protestante, uma vez aceita, resultasse na mudança religiosa de seus ouvintes. Percebem-se as ações do missionário remetendo à ideia de consagração do espaço de ação (Bourdieu, 2007) como fator de mudança simbólica das práticas sociais.

Em sua tese de doutorado, Silva (2016), por meio de um corpo documental composto de diários de viagens, relatórios, artigos e cartas de missionários, em sua maioria, publicados no principal veículo de comunicação da denominação batista, *O Jornal Batista*, elaborou importante estudo sobre os missionários batistas entre as populações indígenas no período de 1920 a 1940, da região onde, na atualidade, se encontra o estado do Tocantins.

Segundo o autor, sua proposta foi analisar a expansão missionária batista para o Brasil Central, cujo objetivo era evangelizar os povos que ali habitavam, principalmente os indígenas, através do projeto missionário da Junta Missionária Nacional (JMN) e da Confederação Batista Brasileira (CBB), entre os anos de 1925 e 1939. Essa evangelização ocorria no contexto de expansão missionária na América Latina, dos incentivos governamentais às migrações internas para as regiões central e norte do país, bem como dos interesses do Estado brasileiro em ampliar as políticas indigenistas através do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). A problematização posta por Julião indagou se a visão de mundo de missionários e missionárias batistas, ao tentarem cuidar dos indígenas tidos como miseráveis, estava imbuída da ideia de que essas populações viviam uma vida de pecado e falsa religiosidade.

O autor, ao se ater às práticas missionárias de Zacarias Campello, Francisco Colares e Beatriz Rodrigues da Silva, destaca que tais práticas integravam o ideal de evangelização para

a civilização, na tentativa de integração indígena ao projeto republicano, o que ocorreria por meio de criação de escolas protestantes. Depreende-se da leitura da pesquisa de Silva (2016) que a formação do espaço sagrado protestante, ou seja, a construção do seu mundo religioso, pressupunha o não reconhecimento do outro.

Araújo (2019) dedicou um capítulo de sua tese de doutorado para tratar da viagem do missionário escocês Archibald Macintyre pelos rios Araguaia e Tocantins, na década de 1920. Para tanto, elencou os motivos dessa incursão missionária: a intenção expansionista, ou seja, chamar a atenção das agências internacionais para a necessidade de auxiliar com recursos financeiros as frentes missionárias; ofertar a assistência religiosa aos convertidos dos sertões; mapear as populações indígenas encontradas; a prática da colportagem, ou distribuição de bíblias. Ao analisar a narrativa desse viajante, a autora percebeu uma prática missionária afinada com a política do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e com a batalha dos evangélicos contra a primazia da evangelização dominicana entre os indígenas Tapirapé, Xerente e Javaé do Brasil Central. Para a autora, o uso de termos hierarquizados, como selvagens, semisselvagens e civilizados, formou o discurso com o qual o campo evangélico passa a ser representado nos sertões.

A autora dedicou uma seção específica para abordar as incursões de diversos missionários protestantes ao Vale do Araguaia, dentre eles, Macintyre. Sua proposta consistiu em demonstrar que tais viagens tiveram dupla ênfase: a de espalhar os bens de salvação e inculcar projetos de civilização. Ao fazer considerações sobre a incursão de Macintyre, a autora observa que sua viagem esteve em sintonia com as proposituras do Congresso do Panamá, realizado em 1916, envolvendo várias igrejas protestantes da América Latina. Dentre as definições desse conclave estava a que considerou o Brasil como um campo missionário protestante e, por isso, a necessidade dos católicos e indígenas brasileiros serem vistos como alvos das ações evangelizadoras. A autora compreende a missão de Macintyre como parte da necessidade de atendimento aos pedidos dos protestantes do norte goiano que solicitavam a presença missionária na região, uma vez que as igrejas estruturadas demoravam a atendê-los.

Nesse ponto, abre-se um diferencial entre os protestantes reformados e católicos na formação de seus campos religiosos. Enquanto o catolicismo, a fazer avançar seus territórios sagrados, permitia, mesmo pela forte presença do clero secular e dos leigos, que manifestações religiosas sertanejas, indígenas e de populações de matriz africana se fizessem presentes nas missas e festejos, o protestantismo de origem missionária restringia a participação de recém-

convertidos na condução das práticas religiosas necessárias a sua expansão. Dessa forma, havia sempre a necessidade de envio de especialistas formados em teologia para zelar pelas normas inerentes à formação de seu campo religioso.

Araújo (2019) afirma que Macintyre buscava, além do conhecimento da região, possibilitar a propagação de bens de salvação do missionarismo protestante, bem como a divulgação dos projetos civilizatórios em voga no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Para a autora, o missionário, ao visitar os Xerente, entendia que esses indígenas eram vistos como mais receptíveis às mensagens religiosas protestantes pelo fato de usarem roupas, por isso considerados mais próximos da civilização. O viajante missionário compreendia que os membros dessa etnia seriam mais facilmente evangelizáveis, pois estavam propensos a não apenas aceitar a salvação, mas também a assimilarem os comportamentos civilizatórios contidos nas instituições educativas.

Por fim, uma pesquisa que aprofunda as percepções de como um campo religioso necessita de múltiplas ações para sua formação é a dissertação de mestrado de Izabel Batista da Silva Carvalho, *Mulheres no Jornal Batista: práticas missionárias no antigo norte goiano e atual Tocantins (1925-2012)*, defendida em 2026. A autora amplia as perspectivas de estudos sobre o tema ao inserir em suas análises, além das práticas educativas, ações assistenciais promovidas por mulheres batistas no norte goiano.

Da mesma forma que outros autores, ao percorrer uma vasta bibliografia sobre a inserção dos protestantes de missão no Brasil, Carvalho (2026) afirma que a expansão missionária dos evangélicos no Brasil encontrou justificativa no Destino Manifesto e suas decorrências no campo do protestantismo. Esta concepção, como já sinalizamos, expressava que os Estados Unidos estavam destinados a implantar uma colonização fundada na crença de que os bens de salvação do protestantismo deveriam ser propagados em direção ao México, à América Central e do Sul, sob o argumento de que o processo civilizatório norte-americano chegaria a essa região pela força da atuação missionária.

Para a autora, o avivamento religioso que se verificou nos Estados Unidos, na primeira metade do século XIX, estimulou a formação de diversas sociedades missionárias. Tais sociedades atuavam amparadas na convicção de que os estadunidenses foram escolhidos para a missão de retirar as nações pobres do atraso civilizatório em que se encontravam. Nesse sentido, a influente Aliança Evangélica Americana, uma das principais porta-vozes do ativismo social entre cristãos protestantes brancos, estava imbuída da ideia de que os norte-americanos

estavam destinados a liderar o mundo rumo a um reino de prosperidade e justiça. Assim, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos passou a planejar o envio de missionários a outros países, incluindo o Brasil. Esses missionários chegavam à América Latina com a firme convicção de estarem engajados em uma cruzada que visava estabelecer as bases da civilização estadunidense.

Carvalho (2026) sustenta, por meio de robusta historiografia sobre protestantismo missionário, estabelecido no Brasil a partir do século XIX, que a chegada das diferentes denominações protestantes se deu em decorrência da conjunção de fatores históricos dos Estados Unidos e da conjuntura brasileira no Segundo Império. E um desses fatores foi a imigração. Muitos imigrantes estadunidenses sulistas vieram para o Brasil após a Guerra Civil, à procura de recuperar a fortuna perdida. As associações missionárias respondiam aos apelos de imigrantes enviando clérigos e educadoras para atuar em diversas regiões do Brasil. Nesse contexto, Salomão L. Ginsburg, um ex-judeu polonês, apresentou aos batistas brasileiros a proposta de criação de uma Junta de Missões Nacionais. A proposta foi aceita e então foi criada, em 1907, a JMN, com a evangelização dos povos indígenas brasileiros definida como objetivo principal. A partir do Rio de Janeiro, a JMN começou a enviar missionários a todas as regiões do Brasil. Os pedidos para envio de missionários ao norte-goiano logo apareceram. Todavia, atender a todas as solicitações esbarrava na falta de recursos financeiros e na formação qualificada de missionários e missionárias. Os poucos missionários que aceitavam se deslocar para a região passaram a fazer visitas às comunidades indígenas e aos sertanejos ribeirinhos.

De acordo com Carvalho (2026), nesse tipo de atuação se destacaram o pastor Benedito Profheta e suas atividades junto aos indígenas localizados às margens do Rio Araguaia. Outro missionário que esteve à frente da organização do evangelismo batista no norte goiano, de 1925 a 1940, foi Louis Maller Bratcher. Chegou ao Brasil em 1919, após receber formação teológica em Louisville e Georgetown, nos Estados Unidos. Em suas muitas viagens ao Vale do Rio Araguaia e Tocantins, tratou de reconhecer e mapear os locais que mais precisavam de pastores e missionárias educadoras.

No período inicial da presença batista na região, a autora listou as mulheres batistas que atuaram na educação escolar na região, tais como Bebiana Profheta; Emma Ginsburg; Conceição M. de Múzzio; Noemi Campello; Beatriz Collares; Raymunda Baptista Pedro; Elze Profheta; Sarah Cavalcanti; Esther de Souza; Clotilde Silva; Marcolina Magalhães; Beatriz Silva; Ligia de Castro; Lúdia Nogueira; Nair Batista; Anita Crisóstomo; Edith Gonçalves; Elida

Silva; Jacy de O. Ayres; Pérside Freitas; Josefa Virginio; Emília Feitosa; Lídia Gonçalves; Rute Izabel Vieira; Pedrina de Azevedo; Elza Rocha Gottelip; Cláudia e C. Faria; Cosma N. Duarte; Lydia G. dos Santo; Maria Leão Lopes; Dalila Rocha Porto; Margarida L. Gonçalves; Noemi Krá Collares; Celestina P. Lima; Clementina Lima; Mary Ruth Carney; Waldice de Queiroz; Cecília Vieira; Honorina A. Ribeiro; Zorilda Quadros; Wanda Krieger; Anete Moreira; Maura Denise S. Lins; Raimunda R. Rodrigues; Ceres Sepúlveda; Eunice Cunha Xavier; Clecilda Santos; Rocilda Bulhões; Delze Paranaguá; Cosina Costa; Maria do Rosário; Nelite Moreira; Dilene R. Nascimento; Josefa S. dos Santos; Zênia Birzniek; Luzia Vieira Rocha; Izaura Lopes Ferreira; Margarida Natividade; Angelina Pereira Leitão; Izaura Reis; Natalice Freitas; Odias C. de Souza; Isa Alves de Oliveira; Dores Carvalho; Dinalva S. Queiroz; Rute Toledo; Zaneide S. Ramos; Marinalva Paixão; Enicéa Carvalho Godói; Tilda Evaristo da Silva; Zenita Cunha; Lívia Klava; Jamim Peixoto; Lúcia Margarida Maria José Rios.

Carvalho (2026) buscou em estudos que articulam a prática educacional de mulheres missionárias, as conexões entre os sentidos religiosos e o contexto social de avanço das fronteiras culturais e econômicas para o interior brasileiro. Entre os objetivos das práticas missionárias das mulheres estavam: a preparação para a implantação de igrejas; o aprimoramento dos instrumentos para a propagação da fé; a instilação de práticas pedagógicas identificadas com os valores religiosos batistas; a promoção do letramento necessário para a leitura da Bíblia; a facilitação do proselitismo entre as populações sertanejas e indígenas e a promoção da educação escolar sintonizada ao processo civilizador dos sertões.

Com a chegada das missionárias, o projeto batista no norte goiano ganhou contornos mais definidos. A proposta missionária foi além da evangelização, articulando-se a um plano educacional civilizatório ancorado na ética protestante e na reorganização social dos espaços e dos sujeitos, como demonstrado nos estudos analisados por Carvalho (2026). A ação missionária pelas mulheres exigia ações que extrapolavam os limites da pregação. As práticas assistenciais e educativas tinham centralidade nas práticas missionárias. Formadas em instituições batistas, como a Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC), as missionárias atuaram como evangelistas, educadoras, enfermeiras e assistentes sociais, promovendo intervenções nas áreas sensíveis das comunidades. Suas contribuições fortaleceram a presença batista, ampliaram o alcance da missão, redirecionaram estratégias e consolidaram a ocupação do território pelas mulheres. Enfim, a autora apontou para a gênese da atuação da JMN no Vale do Tocantins e evidenciou a omissão inicial do trabalho nos sertões pelos homens e destacou a

ocupação progressiva do norte goiano pelas missionárias. A análise de Carvalho (2026) considerou que os marcadores de gênero, as formas de representação dessas mulheres e os discursos que legitimaram suas atuações em muito fizeram avançar as atividades protestantes rumos ao norte goiano.

Considerações finais

Na trilha de Carvalho (2026), pode-se afirmar que os estudos sobre a formação do campo protestante em Goiás oferecem algumas considerações sobre os modos de agir e as intenções dos protestantes em inculcar valores e comportamentos, ou seja, sobre as práticas de interferência cultural que almejavam a constituição de igrejas, escolas e seminários teológicos. Nesses espaços buscaram, a todo custo, converter populações indígenas, ribeirinhas, populações negras rurais ao tipo de cristianismo em que acreditavam. Nesse projeto de conversão residia o que os protestantes entendiam como práticas civilizatórias. No que se refere às populações indígenas, o conceito de civilidade era o mesmo que ancorava as políticas indigenistas de confinamento, ou seja, a de não aceitação dessas populações como sujeitos com modos de relação com a natureza e religiosidades próprias. O conceito de civilidade protestante ainda estava afinado com os saberes médicos de saneamento dos sertões, que tinham as populações sertanejas e indígenas como inimigas do progresso. Assim, na conversão pretendida pelos protestantes estava a busca por uma adesão eivada de intolerância às religiosidades das populações tradicionais e sertanejas. Nessa perspectiva, ser convertido significava aderir a princípios e comportamentos próprios do protestantismo. Dessa forma, os protestantes não atuavam distantes das ordens religiosas católicas mais identificadas com o processo de institucionalização do catolicismo popular.

Parte desse processo de espalhar seu modelo de civilidade e moralidade, ou seja, a formação de seus territórios sagrados, os protestantes atuaram em três frentes: no assistencialismo, na educação escolar e na formação de mulheres para atuarem em igrejas. O assistencialismo, antiga forma de caridade preservada pela Reforma Protestante e assumida em grande medida pelo protestantismo norte-americano, traduzia-se na possibilidade de agir na sociedade para amenizar misérias, sem questionar a ordem social que a gerava. No assistencialismo que praticavam e ainda praticam não há questionamento da ordem social que produz situações de injustiça. Algo muito semelhante ocorria no catolicismo.

Na educação escolar, os protestantes se assumiam como defensores do ensino moderno e modelar, propondo didáticas que considerassem o que se tinha de mais recente nos avanços científicos. Nisso, pelo menos até a primeira metade do século XX, as escolas protestantes se diferenciavam das católicas. Mas não abriam mão de inculcar no ensino escolar os princípios religiosos com os quais pretendiam conquistar fiéis. Na formação de mulheres estava depositada a crença de que essas podiam atuar fora dos limites domésticos. Tanto foi assim que muitas escolas protestantes foram organizadas por missionárias no antigo norte goiano. Porém, no ambiente interno das igrejas, essa ousadia não conseguia emancipar a mulher do mando masculino, pelo menos até a segunda metade do século XX. Autonomia e conformação estavam no centro dos conflitos envolvendo as práticas religiosas das mulheres protestantes, questão que levou anos para se perceber algum tipo de mudança.

Ao retomarmos as considerações de Bourdieu (2007), apontadas no início do artigo, podemos constatar que os saberes teológicos e pedagógicos, portanto racionalizados, dos missionários e missionárias foram utilizados como instrumentos de intervenção durante a formação do campo protestante em Goiás. A aceitação social dos protestantes de missão ocorreu a partir de sistemas simbólicos dos quais eram detentores, dado que esses justificavam as ações desencadeadas por meio do processo de consagração. Tanto é assim que os missionários e missionárias não se furtaram às ações políticas, mesmo que por meio das representações sobrenaturais. Foi dessa forma que o campo religioso no estado de Goiás foi se expandindo, expansão que ocorria na medida em que relegavam outras expressões religiosas ao estado de magia. As linguagens dos sujeitos sociais missionários revelam os significados da presença de especialistas na transmissão e inculcação das mensagens religiosas, mensagens essas divulgadas em sintonia com a ordem política.

Referências

- ARAÚJO, Ordália Cristina Gonçalves. **Os Javaé e o protestantismo: Salvação e resistência (1896-1937)**. Tese de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História, PPHIS, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/98332e97-306d-4de0-917a-dd42ef11eb8d>
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**: Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARVALHO, Izabel Batista da Silva. **Mulheres no Jornal Batista: práticas missionárias no antigo norte goiano e atual Tocantins (1925-2012)**. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas, PPGHispan. Universidade Federal do Tocantins, UFT, 2026. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/8697>

- CAVALCANTI, H. B. O projeto missionário protestante no Brasil do século 19: comparando a experiência presbiteriana e batista. PUC, SP: **Revista Estudos de Religião**, n. 4, 2001. Disponível: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/p_cavalc.pdf
- GONÇALVES, José Eduardo Almeida. **A viagem de um protestante aos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins na década de 1920**. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas, PPGHispam. Universidade Federal do Tocantins, UFT, 2021. <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3531>
- MARTINS, Mário Ribeiro. **Missionários americanos e algumas figuras do Brasil Evangélico**. Goiânia: Editora Kelps, 2ª. Edição, 2008.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1995.
- MICELI, Paulo. Introdução: a força do sentido. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987.
- SANTOS, Vitor Queiroz; FONSECA, Sérgio César; NARITA, Felipe Ziotti. Educação metodista no interior de São Paulo: movimentos e conexões entre o final do século XIX e o início do XX. Assis, SP, **Revista Faces da História**, vol. 6, n. 1, 2019. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1345/1186>
- SILVA, Paulo Julião da. **Entre a evangelização e a política: a expansão missionária batista para o Brasil Central (1925-1939)**. Tese (Doutorado em História Cultural) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/965594>.

Recebido em: 7 de Agosto de 2026

Aceito em: 19 de setembro de 2026
